

TRAZENDO A POLÍTICA DE VOLTA AO LESBIANISMO

Por: Janice G. Raymond

Tradução de Jéssica Akemi

Sinopse: Esse artigo contrasta o lesbianismo como um movimento político ao lesbianismo como um estilo de vida. Ele aborda a corrente que enfatiza os círculos lésbicos sobre “sexo como salvação”, e que enfatiza re-sexualizar mulheres e despoliticizar o lesbianismo. O liberalismo do estilo de vida lésbico compõe os modos de sexualidade do poder masculino, tal como s & m [N.T. sadomasoquismo], butch-femme, e bondage [N. T. servidão] e dominação, sensual para as mulheres. Em nome da tolerância, diferença, e da comunidade lésbica, muitas lésbicas são dissuadidas de fazerem julgamentos e se oporem a tais atos. Finalmente, o artigo descreve os valores de uma lésbica feminista que tem princípios, política e paixão. Ele propõe um contexto de que a sexualidade lésbica pode parecer enraizada na imaginação lésbica – não nas fantasias lésbicas.

Movimento Político vs. Estilo de Vida Lésbico. Nós costumamos falar muito sobre o lesbianismo como um movimento político.- voltando aos velhos tempos quando o lesbianismo e o feminismo caminhavam juntos, e ouvíamos a frase, feminismo lésbico. Hoje em dia ouvimos mais sobre sadomasoquismo lésbico, lésbicas tendo filhos, e tudo que lésbicas precisam saber sobre sexo – o que elegantemente passou a ser chamado de “política do desejo”. Nesse artigo, eu quero falar sobre o lesbianismo como um movimento político, mas antes de fazer isso é necessário discursar sobre o lesbianismo como um estilo de vida – que vem a ser para muitas uma preferência sexual sem a política feminista.

Para uma coisa, esse estilo de vida lésbico está preocupado com o sexo. Não a sexualidade lésbica como uma afirmação política, ou seja, como uma mudança da realidade heterossexual, mas sexo lésbico como foder – como fazer isso, quando fazer isso, o que fazer para que funcione – resumidamente, como liberar a libido lésbica. As lésbicas por estilo de vida e os hetero-conversadores concordam em uma coisa – que para as mulheres o sexo é a salvação – algo que nos levará para a terra prometida, o após-vida, a graça maravilhosa. Por exemplo, Marabel Morgan, no *Uma Mulher Absoluta*, ensina mulheres direitas cristãs como performar as fantasias completas de seus maridos com todos os trajes e posturas sexuais que seriam rivais do armazém lésbico libertário. Para as Marabel Morgans desse mundo, dendo do casamento, vale tudo. Uma esposa deve agir como uma amante. Samois, um grupo americano de sadomasoquismo lésbico, apoia chicotes e correntes, “dor é prazer, escravização consentida, liberdade-atraves-do-bondage, realidade-como-jogo, e qualidade-atraves-da-dramatização” (Meredith, 1982, p.97). Fora do casamento, na verdade, fora da heterossexualidade, vale tudo. Libertação lésbica se tornou libertarianismo lésbico.

Comparando Marabel Morgan a Samois, estamos falando sobre a diferença entre uma cantiga de ninar e metal pesado? Ou estamos falando sobre similaridades entre adesivos que dizem “mergulhadores vão mais fundo”, “voadores vão mais alto”, “conservadores fazem isso com consciencia”, “lésbicas fazem isso com desejo?”. Parece haver poucas diferenças entre a visão do mundo conservador que coloca as mulheres neste mundo da sexualidade dos homens e o estilo de vida lésbico libertário que está cada vez mais preocupado em foder como o apogeu da existência lésbica. Por toda conversa sobre sexo perpetuada, o discurso lésbico libertário é mudo sobre a conexão com o resto da vida de uma mulher e, portanto, é mudo sobre o sexo também.

Tradicionalmente, as diferenças entre a sexualidade feminina têm sido usadas para mostrar como ela complementa a sexualidade masculina, e isso legitima a heterossexualidade como a condição natural e normativa de existência sexual para as mulheres; essa igualdade com a sexualidade masculina tem sido usada para legitimar as formas que a sexualidade masculina tem tomado e para proclamar essas formas como transcendentais do gênero. “Para dizer isso de outra

forma, a sexualidade feminina tem sido remoldada no modelo da sexualidade masculina, então essas mulheres estão agora seguras de serem iguais ou até melhores que os homens em termos de capacidade sexual” (Jackson, 1984, p.81).

A ênfase no estilo de vida lésbico recente e teorias libertárias de sexualidade tende a confirmar a igualdade da sexualidade feminina e masculina – evidenciado pelo suposto “fato” de que as mulheres agem, ou querem agir, ou deviam ser livres para agir, dos mesmos modos que os homens têm sido aptos a agirem sexualmente. As lésbicas por estilo de vida argumentam que a sexualidade fêmea-fêmea deve ser “liberada” para tomar formas do modelo de sexualidade do poder masculino, ou seja, as formas que dotaram os homens com o poder da sexualidade desinibida em uma sociedade patriarcal. As várias formas que o sexo do poder masculino tem tomado – s& m, pornografia, dramatização de butch-femme, pederastia, etc – vão supostamente libertar o então chamado “poder reprimido” da sexualidade feminina.

O que as libertárias e as lésbicas por estilo de vida podem protestar é que a sexualidade masculina não possui canto em suas formas. Muitas podem manter que essas formas de sexualidade existiram reprimidas no ser das mulheres, apenas esperando para serem chamadas a diante para um contexto social diferente onde as mulheres são encorajadas a expressarem a si mesmas com o alcance sexual que os homens têm desfrutado. Muitos anos atrás, nos Estados Unidos, um grupo chamado FACT (Brigada Feminista Anti-Censura) – composto de acadêmicas, advogadas, artistas, literatas, e muitos outros grandes nomes feministas – unindo forças com a indústria pornográfica para combater contra a legislação civil dos direitos feministas que faz a pornografia legalmente contestável. O FACT defende a pornografia citando especificamente a necessidade que as lésbicas têm disso, e chamando isso “material agradável despertador da sexualidade” que as mulheres devem ter a liberdade para escolher. “O alcance da imaginação e expressão feminista no domínio da sexualidade mal começou a ter voz. As mulheres precisam de espaço reconhecido socialmente para apropriarem a si mesmas a validade do que tradicionalmente tem sido a linguagem masculina”, ou seja, a pornografia (FACT, 1985, p.31).

O que está errado não é a afirmação de que as mulheres necessitam de maior alcance sexual, mas o confinamento às formas que a sexualidade masculina tomou. As libertárias sexuais e lésbicas por estilo de vida, por toda a ênfase delas na fantasia sexual, perdem a imaginação sexual real. Há um monte de conversas sensuais na literatura libertária sobre a necessidade das mulheres se libertarem das correntes do conceito de erotismo “bonzinho”, da feminidade posando como feminismo, e do sexo sentimental, espiritualizado e suave. Ainda que em nenhum lugar vejamos as formas que essa sexualidade feminina vital, vigorosa e robusca pode tomar articulada como nada diferente das formas do modelo de sexualidade do poder masculino.

O Modelo de Sexualidade do Poder Masculino, os modos e manifestações da sexualidade que as libertárias e lésbicas por estilo de vida sustentam como de alcance libertador desde o inócuo à injúria. As probabilidades de formas que têm dado posição de igualdade, e representadas como sexo rebelde para as mulheres, merecem por estes motivos análise separada. Por exemplo, Ellen Willis declara que, “É precisamente o sexo como atividade agressiva e grosseira uma expressão da violência e da emoção ruim, um exercício de poder erótico, e especificamente uma experiência genital que tem sido um tabu para as mulheres” (Willis, 1983, p.85). Lado a lado, nós vemos Willis equiparando “sexo como agressivo” e como “emoção violenta”, com sexo como o “exercício do poder erótico” e “experiência genital”. Todos são representados como meros tabus. Nenhum declive falso aqui; apenas conversa falsa para propósitos falsos.

Judith Walkowitz denominou a perspectiva libertária sobre sexualidade uma “posição avançada” (Diário, 1981, p.72). É difícil ver o que é avançado ou progressivo sobre a posição que situa “desejo”, e o dinamismo sexual, vitalidade e vigor dessas mulheres presas em formas antigas de objetificação sexual, subordinação e violência, agora iniciadas por mulheres e feitas

com o consentimento delas. As libertárias oferecem uma sexualidade supostamente desnuda do tabu feminino, mas apenas capaz de se vestir com trajes masculinos. Isso é uma sexualidade construída por machos rebocada.

Mas aparece mais nesse show de reboque do que nos atores e atividades do poder sexual masculino. Despolitizar também é um reboque, disfarçado como construção sexual da feminilidade. Quando a construção da sexualidade entrou no estágio central do discurso feminista, a política da sexualidade e dominação sexual foi forçada a sair – e também foi a política do lesbianismo. Por exemplo, as editoras de *Desejo: A Política da Sexualidade* argumentam que lésbicas têm sido asexuadas – por um consenso sexual entre feministas lésbicas e heterossexuais que é “teoricamente aceitado outras moderarem as propensões saudáveis e sexuais...”, mais ou menos no mesmo espírito que São Paulo aceitou a inevitabilidade do casamento para aquelas fracas de carne e alma” (Snitow, Stansell, & Thompson, 1983, p.27). A “posição avançada” não fala mais sobre lesbianismo político e heterossexualidade compulsória. Isso tem sido relegado para uma pequena parte do discurso feminista. E são aquelas feministas extremistas, antissexo, reprimidas, puritanas e radicais que insistem em dar a isso até mais do que esse papel!

Há o assunto arrogante e paternalista nos argumentos libertários que aquelas que fazem problemático o conceito do prazer sexual são elas mesmas privadas dos prazeres mais vitais e vigorosos. Fracas sexuais! Problematizar o conceito de prazer sexual significa conversar sobre o poder masculino. E a “posição avançada” dificilmente fala mais sobre o poder masculino – isso é simplista e sombrio. E como o F.A.C.T. brevemente expressou isso, apenas retratam homens como viciosos “cães de ataque” e as mulheres como vítimas (F.A.C.T., 1985, p.39). Ao invés disso, a posição libertária fala muito sobre condicionamento social para a sexualidade ou o papel da socialização na realização da sexualidade. De modo que quando homens agem de certas maneiras, eles são meros produtos da socialização deles, como são as mulheres. Essas teorias perdem um conceito de poder que destaca que a sexualidade masculina é ligada com o poder – que há vantagens positivas na posição, ego e autoridade para os homens nas maneiras que eles exercem a sexualidade deles. As mulheres não podem suportar acriticamente essa análise para revelar a alegria do sexo.

A Estrutura de Representação, o cenário das formas sexuais que imitam o modo de sexualidade do poder masculino é apenas um dos focos. Outro, como Susanne Kappeler apontou com respeito à pornografia, é a estrutura de representação que deve ser levada em consideração. Isso significa que alguém está fazendo essas representações, e alguém está olhando para elas, “através de uma ordem complexa de significados e convenções” (Kappeler, 1986, p.3). As libertárias e lésbicas por estilo de vida nos dizem que as atrizes sexuais que atuam em certos papéis, tais como butch/femme e dominadora/serva, são mulheres que podem tanto ser dominadoras quanto dominadas no ato sexual. Em outras palavras, quando lésbicas, por exemplo, tomam papéis como butch/femme ou dominadora/serva, porque são mulheres – duas lésbicas – engajadas em tais “jogos” sexuais, nenhuma é objetificada, machucada ou violada. O libertarianismo e o lesbianismo por estilo de vida reivindicam nivelar a desigualdade cultural de macho dominador e fêmea dominada. Vamos olhar mais de perto esta reivindicação.

Muitas libertárias e lésbicas por estilo de vida, quando engajadas em vários atos sexuais, reivindicam que elas e seus atos estão resolutamente isolados de qualquer coisa que esses atos possam representar “lá fora”. A privacidade do quadro e o que acontece lá é separada, elas dizem, da realidade, em um “quarto de alguém” – a esfera libertária e lésbica por estilo de vida da fantasia. No sadomasoquismo, por exemplo, os chicotes, correntes, suásticas, a parafernália militar, as algemas, as coleiras, os dominadores, as servas, não possuem dimensão no mundo real. Os papéis de dominador e serva, por exemplo, são tratados em um mundo separado, no santuário da atividade sexual, onde o jogo é jogado de acordo com outras leis, válidas no mundo

da fantasia. A artista insulta o estético, frequentemente reivindicando que essa é uma zona livre da realidade. A libertária na mesma moda insular tenta abrigar a esfera sexual fazendo suas atividades aqui independentes da realidade, independentes da crítica. As atrizes sexuais e suas atividades existem em uma atmosfera rarefeita. Isso é como brincar na caixa de areia, ou mais precisamente, na caixinha de areia do gato.

As libertárias e lésbicas por estilo de vida teriam isso que até as mulheres “trataram” toda a questão da sexualidade, nenhuma libertação verdadeira advirá. O que esse foco tem alcançado é a re-sexualização das mulheres, dessa vez em nome da libertação das mulheres. A sexualização das mulheres, é claro, é um tema antigo que é comum tanto para os “novos” reformadores sexuais e para sexologistas, como é o tema que as mulheres precisam libertar sua sexualidade para se libertarem. Havelock Ellis disse isso, também disse Kinsey, e mais recentemente Masters e Johnson. Mas dessa vez os “novos” reformadores do sexo são mulheres, e o tema é que o sexual feminino é enormemente poderoso, mais do que tem sido dado crédito na fraca literatura feminista que precede essa particular “revolução sexual” libertária”.

Sexo como uma Fonte Poderosa. O dogmatismo escondido aqui é que o sexo é a fonte do poder. Sexo é central – não a criatividade, não o pensamento, não qualquer outra coisa que não o sexo. Seguindo um tipo de linha freudiana, as libertárias exercem uma influência de re-conservação no feminismo e lesbianismo essencializando um vagamente definido “poder de desejo”.

A sexualidade parece estar na base de tudo na literatura libertária e lésbica por estilo de vida. Aqui, a primacia do sexo é reafirmada, dessa vez não necessariamente como conduzida pela biologia, mas como uma força de propulsão social – uma força que não tem apenas influência, mas poder determinista. A sexualidade adquire o tom de uma nova teoria do direito natural no discurso libertário, revertendo a teoria da sexualidade de “anatomia é destino” em uma teoria de determinismo social. Sexo como condução biológica primária reaparece no sexo como motor social primário, se conduzindo à realização utilizando todos os modos sexuais do poder masculino de objetificação, subordinação e opressão. Como qualquer motor, o sexo requer a assistência dos ajustes e técnica. O modelo mecânico mais uma vez prevalece.

Podemos nós tão prontamente acreditar que o sexo é nossa salvação? Nós já não escutamos essa linha antes – de que o que realmente conta é a qualidade de nossa vida sexual, nossos orgasmos?

Nossa onda mais recente de feminismo perde muito do seu tempo de-sexualizando as imagens das mulheres na mídia, no mercado de trabalho, e no cosmos em geral. O que a posição libertária tem tido sucesso em fazer é re-sexualizar as mulheres, usando a retórica feminista e da libertação lésbica para afirmar que a sexualidade é um impulso radical. Mas a sexualidade é mais radical que qualquer outra coisa. Há certas formas disso que podem ser radicais e há certas formas disso que não. É irônico que as libertárias querem reafirmar as formas de sexualidade do poder masculino para empoderar mulheres.

Esse não é sempre o caso, contudo. Houve um tempo quando o movimento chamado feminismo lésbico teve paixão, princípios e política. Sem romantizar esse período como a era de ouro do feminismo lésbico, eu gostaria de recordar para nós o que o movimento foi e o que representava.

O Movimento Feminista Lésbico. Esse movimento foi a mudança mais forte da hetero-realidade que o feminismo encarnou. Isso mudou a visão de mundo que as mulheres existem para os homens e primariamente em relação a eles. Isso mudou a história das mulheres como primariamente revelada na família – uma história que frequentemente, no melhor dos casos,

renderia as mulheres apenas a relações com homens e eventos definidos pelos homens. Isso mudou a aparente verdade que “Tu, como uma mulher, deve se unir com um homem”, sempre buscando nossas metades perdidas na complementaridade das relações heterossexuais. Isso também mudou a definição do feminismo como igualdade das mulheres com os homens. Em vez disso, isso fez uma visão real de igualdade das mulheres com nós Mesmas. Definiu a igualdade como sendo igual para aquelas mulheres que têm sido pelas mulheres, vivido pela liberdade das mulheres e que morreram por isso; aquelas que lutaram por mulheres e sobreviveram pela força das mulheres; aquelas que amaram as mulheres e perceberam que sem a consciência e convicção de que as mulheres são primárias na vida de cada uma, nada mais está em perspectiva.

Esse movimento trabalhou a favor de todas as mulheres. Ele não tinha medo de definir estupro como sexo – não apenas violência, mas sexo. Ele criticou a prostituição e pornografia como sexualidade prejudicial para as mulheres e não tiveram medo de falar contra os revolucionários sexuais homens que queriam libertar todas as mulheres que tinham acesso para essa liberdade falsa. Ele estabeleceu centros para mulheres agredidas e levou a campanha feminista contra violência à mulher.

Mas então algo aconteceu. As mulheres – frequentemente lésbicas – começaram a definir as coisas de forma diferente. A pornografia passou a ser chamada de erótica e listada no serviço de discurso e auto-expressão lésbica. A violência contra a mulher passou a ser chamada de sadomasoquismo lésbico e foi listada a serviço do sexo lésbico, ou seja, foder. A prostituição passou a ser chamada de trabalho necessário para as mulheres e foi listada a serviço da realidade econômica feminina. O que mudou foi que no lugar de homens, as mulheres – incluindo as mulheres que se identificavam lésbicas – estavam endossando essas atividades para outras mulheres. E outras mulheres, outras lésbicas, estavam relutantes para criticar em nome de alguma unidade pseudo-feminista e lésbica.

Certamente, muitas lésbicas resistiram a essas degradações na vida das mulheres. Certamente, muitas lésbicas continuam na frente do movimento anti-pornografia. Muitas lésbicas estão lutando mundialmente contra a prostituição internacional e escravidão sexual. E muitas lésbicas falaram contra o sadomasoquismo lésbico. Mas ao passo que antigamente podíamos contar com um movimento político de feminismo lésbico para lutar contra essas atividades anti-feministas, a política do feminismo lésbico diminuiu.

O feminismo lésbico foi um movimento baseado no poder de um ‘nós’, não na fantasia de uma mulher individual ou auto-expressão. Foi um movimento que teve uma política – que percebeu que a prostituição, pornografia e violência sexual não podia ser redefinida como terapêutica, econômica ou sensual para se ajustar ao capricho individual de uma mulher em nome da livre escolha. Foi um movimento que reconheceu as complexidades da escolha, e como foi dito, as escolhas das mulheres são politicamente construídas.

Uma Questão de Escolha? Agora eu quero contar a vocês uma história – sobre escolha, porque toda vez que feministas radicais assinalam a construção política de escolha das mulheres, nós somos acusadas de sermos condescendentes às mulheres e de fazermos as mulheres de vítimas. Então, minha história.

Era uma vez, no começo dessa onda de feminismo, havia um consenso feminista que as escolhas das mulheres eram construídas, sobrecarregadas, emolduradas, comprometidas, forçadas, coagidas, conformadas, etc. pelo patriarcado. Ninguém propôs que isso significava que as escolhas das mulheres eram determinadas, ou que as mulheres eram vítimas passivas ou desamparadas do patriarcado. Isso foi porque muitas mulheres acreditavam no poder do feminismo de mudar a vida das mulheres e obviamente as mulheres não podiam mudar se eram

determinadas socialmente em seus papéis ou massa maleável nas mãos do patriarcado. Nós até conversamos sobre maternidade compulsória e sim, heterossexualidade compulsória! Nós conversamos sobre os modos nos quais as mulheres e garotas jovens eram levadas à prostituição, acomodando a elas mesmas ao espancamento masculino, e eram canalizadas para pagamentos baixos e empregos sem saída. E as mais moderadas de nós falaram sobre a socialização de papéis de sexo. As mais radicais escreveram manifestos detalhando a construção patriarcal da opressão das mulheres. Mas a maioria de nós concordou, chamando do que fosse, que as mulheres não eram livres apenas por serem “você e eu”.

O tempo passou e junto veio uma visão mais “matizada” de feminismo. Ele nos dizia para observar nossa linguagem de mulheres como vítimas. Mais mulheres foram para as escolas de graduação e profissionalização, ficaram “mais espertas”, foram recebidas nos bares, foram para a academia, e se tornaram especialistas em todos os tipos de ramos. Elas partilharam do poder que os deuses masculinos criaram e “viram que era bom”. Elas perceberam a infinidade de opções disponíveis a elas, e então elas projetaram para todas as mulheres, e *voilà*, o evangelho da escolha autêntica. Elas começaram a dizer coisas como “... grande cuidado deve ser tomado para não retratar as mulheres como incapazes de tomarem decisões responsáveis ” (Andrews, 1987, p.46).

Algumas mulheres pensaram que essas palavras lhe eram familiares às que elas escutaram antes, mas o discurso analista feminista não parecia particularmente interessado em voltar ao que as feministas “da velha guarda” rotularam como discurso liberal patriarcal. Elas diziam que isso era cansativo e fora de moda, e, além disso, as mulheres já ouviram demais sobre isso, e era depressivo. “Não sejamos simplistas em culpar homens, elas disseram, porque essa análise “oferece tão poucos pontos influentes para ação, tão poucos pontos de entradas imaginativos para visar a mudança” (Snitow et al., 1983, p.30). Ao invés disso, elas começaram a conversar sobre os “Reprodutores Felizes” e as “Prostitutas Felizes” e as “mulheres que amavam isso” e aquelas que amariam se pudessem ter “a liberdade e espaço reconhecido socialmente para apropriar a elas mesmas a robustez do que tradicionalmente tem sido linguagem masculina” (leia-se pornografia).

Retórica de Linguagem: Barriga de Aluguel e Pornografia. Isso era familiar também, mas então algo estranho aconteceu. Essas mulheres que notaram a linha de continuidade entre os homens liberais patriarcais e o feminismo F.A.C.T., por exemplo, começaram a perceber que ao invés das mulheres imitarem o discurso masculino, os homens começaram a imitar as mulheres. Nos Estados Unidos, veio junto um fenômeno chamado maternidade substituta. Uma decisão da corte de Nova Jersey acolheu o direito dos homens de comprarem mulheres – reprodutoras pagas – para ter seus bebês para eles (Corte Superior de Nova Jersey, 1987). Mas uma dessas então chamados substitutas decidiu lutar por ela mesma e sua criança, reconhecendo que a barriga de aluguel explora as mulheres. Isso ficou popularmente conhecido como o caso de Mary Beth Whitehead versus Bill Stern. Gary Skoloff, o advogado de Bill Stern no caso de barriga de aluguel de Nova Jersey, resumiu seu argumento no tribunal dizendo: “Se você previne as mulheres de se tornarem mães substitutas e nega a elas a liberdade de decidir, você está dizendo que elas não têm a habilidade de fazer suas próprias decisões. Isso tem sido injustamente paternal e isso é um insulto à população feminina dessa nação”. Algumas mulheres sentiram que “A imitação é a adulação mais sincera”. Elas começaram a testemunhar a favor de coisas como pornografia e barriga de aluguel, para que pudessem imitar todos os homens que as imitaram. Ficou difícil dizer quem imitava quem.

E então os legisladores americanos começaram a submeter defendendo barriga de aluguel, com regulamentação adequada, é claro, que principalmente protegiam o doador de esperma e as agências de coleta, porque o feminismo estava nos melhores interesses dos homens, e finalmente os homens perceberam isso. Isso foi como as feministas humanistas sempre

disseram, que o feminismo é bom para os homens também. Antes dessa decisão ser revertida por um tribunal maior, o juiz, Harvey Sorkow, proclamou que Bill Stern foi sobrecarregado com o “desejo intenso” de procriar e até disse que isso era “dentro da alma”. Ele disse que o argumento feminista que um “grupo de pessoas da mais alta elite econômica usou o grupo de economia mais baixa de mulheres para ‘fazer o bebê deles’ e foi “insensível e ofensivo” para os Bill Sterns desse mundo. Um homem de sentimento, ele disse que Mary Beth Whitehead foi uma “mulher sem empatia”. Ele estava muito preocupado com Sr. Stern experimentar a “realização” dele como pai, e então deu a ele a Bebê Sara que Sr. Stern chamou de Bebê Melissa.

Pouco tempo antes disso, o General Attorney convenceu uma Comissão sobre Pornografia que escutava o testemunho de mulheres que estiveram na pornografia. Howard Kurtz do Posto de Washington, outro homem de sentimento, questionou a veracidade dessas mulheres caricaturando seus sentimentos “um desfile de vítimas auto-descritas que diziam suas histórias tristes por trás de uma tela opaca. Muitos especialistas dos dois lados da questão disseram tais contos anedóticos sobre a aflição não provar nada sobre o efeito dos materiais explícitos de sexualidade” (Kurtz, 1985, A4, ênfase meu). Para não ficar atrás, Carol Vance escarneceu sobre o testemunho das mesmas mulheres citando com aprovação um repórter homem que puxou ela durante as audiências e disse “testemunho falso” (Coveney & Kaye, 1987, p.12).

Para encurtar uma longa história, os homens tomaram essa linguagem de descrença pelas feministas que estão agora nos dizendo que vítimas da pornografia escolheram as camas em que deitaram. Mary Beth Whitehead escolheu assinar seu contrato. Todos os homens e mulheres de sentimento entendem isso. É o nosso direito de escolha, afinal, que está em jogo. A pornografia e barriga de aluguel protegem esse direito de escolha. Esse tipo de liberdade de escolha, esse tipo de liberdade é o liberalismo. E infelizmente, o lesbianismo por estilo de vida também é liberalismo.

Liberalismo do Lesbianismo por Estilo de Vida. O liberalismo do lesbianismo por estilo de vida significa que nós – ou seja, as lésbicas – não podemos mais dizer nós. Ao invés disso, as mulheres dizem: “na minha opinião”, ou “para mim”, ou “como eu vejo isso” ou “Eu tenho direito ao que me excita”. Então o que nos restou? Certamente não foi o lesbianismo político que não pode sequer enquadrar uma sentença na primeira pessoa do plural nesse ponto da história lésbica. Não, ao invés – uma visão lésbica extremamente egocêntrica. E nós fomos deixadas com a tirania da tolerância que passa por diferença.

Como se cada desejo individual se tornasse uma diferença pessoal ou cultural que outras mulheres não devem apenas tolerar, mas também promover. Então o desejo de uma mulher, racionalizado como um desejo de libertar sua sexualidade engajando-se em s & m, por exemplo, deve ser tolerado por outras mulheres e/ou lésbicas em nome de promover as diferenças lésbicas e fomentar a unidade lésbica abrindo espaço para todas as diferenças, em nome de alguma comunidade feminista e/ou lésbica definida, julgamentos de valor não podem ser feitos porque isso é ser divisiva. Que tipo de unidade pode ser construída com a falta de vontade para julgamentos?

Por exemplo, muitas mulheres vagamente “sentem” que o então chamado sadomasoquismo lésbico é errado, mas se seguram para não traduzirem seus sentimentos em palavras e ações. Outras mulheres dizem a elas que ninguém tem o direito de julgar o comportamento das outras ou forçar às outras seus próprios valores. Isso é o que eu chamo de tirania da tolerância – “fazendo o que é seu”. A tirania da tolerância dissuade mulheres de pensamentos cabeça-dura, de se responsabilizarem por discordarem das outras, e de agirem. Isso nos coloca em uma posição extremamente passiva. O que é definido como liberdade de valores, ou seja, não fazer julgamentos, pode parecer sensibilidade e respeito às outras mulheres, mas na realidade isso faz

as mulheres passivas e não-críticas, porque isso para o julgamento e a ação. E a vida ativa social e política decorrem de valores, escolhas, e atividades que são definidas com clareza e exercidas com comprometimento.

Mary Daly delineou muitos elementos do feminismo radical (Daly, 1984, pp.397-398; Daly, 1987, p.75). De maneira similar eu ressaltarei os muitos valores comumente mantidos pelo feminismo Lésbico que nos permite dizer nós novamente. Se nós somos lésbicas feministas, nós temos conhecimento claro e presente que os garotos, e algumas garotas, não gostarão de nós e que nós podemos ter problemas pelo caminho.

Colocando o ‘nós’ de volta no Feminismo Lésbico. Se nós somos feministas lésbicas nós somos radicalmente diferentes do que a sociedade heterossexual quer que sejamos. E não é uma diferença falsa, é uma diferença real. Por exemplo, a sexualidade lésbica é diferente, enraizada na imaginação lésbica. Não é a mesma antiga sexualidade que as mulheres devem apresentar em uma hetero-realidade. Não é pornografia, não é butch e femme, e não é bondage e dominação. Isso é por uma coisa, uma sexualidade com a imaginação enraizada na realidade. Como Andrea Dworkin escreveu, “A imaginação não é um sinônimo de fantasia sexual...”. A fantasia pode apenas evocar um apanhado roteirizado de truques que são uma repetição infinita das práticas heterossexuais conformistas. “A imaginação encontra nosos significados, novas formas; valores e atos. A pessoa com imaginação é empurrada para frente por isso em um mundo de possibilidade e risco, um mundo distinto de significado e escolha” (Dworkin, 1987, p.48); não para o ferro velho heterossexual do libertarianismo lésbico e atividades por estilo de vida que se reciclaram para as mulheres como bens fantásticos. O lesbianismo por estilo de vida põe a fantasia no lugar da imaginação. Você já percebeu como todo mundo fala sobre suas fantasias e não sobre imaginação?

Se nós somos lésbicas feministas, nós sentimos e agimos a favor das mulheres como mulheres. O feminismo lésbico não é um movimento de uma questão. Ele faz conexões entre todas as questões que afetam as mulheres – não apenas o que afeta este grupo, classe ou nacionalidade particular, e não quer apenas afetar as lésbicas. Nós sentimos e agimos por todas as mulheres porque nós somos mulheres, e mesmo se fôssemos as últimas a professar isso, nós ainda estaríamos aqui pelas mulheres.

Se nós somos lésbicas feministas, nós continuamos. Mesmo quando isso não é popular. Mesmo quando isso não é recompensado. Não apenas ontem. Não apenas hoje. Não apenas algumas horas na semana. O feminismo lésbico é um modo de vida, um modo de viver por nosso Eu mais profundo e pelas outras mulheres.

E aquelas que pensam que a objetificação, subordinação e violação de mulheres é aceitável, apenas contanto que você chame isso de erótica lésbica ou sadomasoquismo lésbico – elas não são lésbicas feministas. E aquelas que pensam que é aceitável na privacidade de seus próprios quartos, onde elas aproveitam isso – especialmente sexualmente – elas também não são lésbicas feministas. Como Mary Daly disse, elas são lésbicas “da cintura para baixo”. E àquelas que dizem, como nos atrevemos a definir o significado do feminismo, eu digo – se não definimos o significado do feminismo, o que o feminismo significa?

Por anos nós lutamos contra a representação de lésbicas na pornografia heterossexual. Nós dissemos, ‘não há nós nessas posturas de dramatização butch e femme. Não é assim que fazemos amor. Não há nós tratando umas as outras como sádicas ou masoquistas. Não há nós presas nessas correntes, com esses chicotes, e nessas fantasias de homens do que as mulheres fazem com outras mulheres. Esse é um sonho de homens do que uma lésbica é do que as lésbicas fazem’, nós dissemos. E nós não apenas dissemos isso. Nós lutamos isso. Então agora o que acontece. Nós temos pornografia lésbica aparecendo em páginas americanas de pornô de mulheres, como “Má Atitude” e “Às Nossas Custas”. E nós temos a F.A.C.T. E toda essa

“literatura feminista e lésbica” que nos diz que a pornografia heterossexual, que a heteropornografia, é certa. Temos um círculo completo – infelizmente – de volta ao mesmo ponto negativo de início.

Visões Futuras e Contexto para a Sexualidade Lésbica. Então, eu quero terminar falando sobre uma visão e contexto para a sexualidade lésbica. Para aquelas que querem orientações de como fazer isso, esse fim será um desapontamento. Eu quero sugerir que a sexualidade pode parecer enraizada na imaginação lésbica, e não nas fantasias heterossexuais de pornografia lésbica. Essa é uma visão, um contexto, uma nota final que é na verdade um começo.

Essa visão de sexualidade inclui a “habilidade de tocar e ser tocada”. Mas mais, um toque que faz contato, como James Baldwin expressou isso. Andrea Dworkin, com base nessas palavras de Baldwin, escreve sobre a sexualidade como ato, o ponto de conexão, onde o toque faz contato se o autoconhecimento está presente. É também o ato, o ponto de conexão, onde a incapacidade do toque fazer contato é revelada e onde os resultados podem ser devastadores. Na sexualidade, a intimidade é sempre possível, tanto quanto nós dissemos que sexo é sexo – ou seja, simples prazer. Na sexualidade, uma gama de emoções sobre a vida é expressa, mesmo que a relação seja casual ou impessoal – sentimentos de traição, raiva, isolamento, e amargura assim como esperança, alegria, ternura, amor e comunhão (Dworkin, 1987, pp.47-61). Todos, embora não todos juntos, residem nessa paixão que chamamos sexualidade. A sexualidade é onde essas emoções se tornam acessíveis ou anestesiadas. Toda a vida humana não fica parada no sexo.

Libertárias e lésbicas por estilo de vida simplificam a complexidade de toda essa vida humana que está presente no ato sexual. Abandonando que a totalidade – essa história, esses sentimentos, esses pensamentos – permite o incêndio, mas não a paixão. “Todo toque, mas sem contato” (Baldwin, 1962, p.82).

A paixão, é claro, permite o amor. É possível, mas não inevitável. A paixão é uma passagem entre duas pessoas. O amor é uma extensão dessa passagem. A paixão pode se tornar amor, mas não sem se abrir a isso. O sexo como paixão, e talvez como amor, não apenas um incêndio, é uma experiência radical de ser e se tornar, de escavar possibilidades dentro do verdadeiro eu, e dentro das outras talvez, que têm sido desconhecidas.

Eu comecei essa conversa indicando que, embora as lésbicas por estilo de vida falem constantemente sobre sexo, elas são mudas sobre a conexão disso com toda a vida humana, e, portanto, elas são mudas sobre o próprio sexo. A presença de toda uma vida humana no ato da sexualidade nega qualquer visão reducionista do sexo como bom ou mau, puro prazer ou pura perversão. Dworkin nos lembra que quando o sexo está ficando igual, quando o sexo é odiado, quando o sexo é utilidade, quando o sexo é indiferente, então o sexo é a destruição do ser humano, de outra pessoa talvez, mas indubitavelmente de si mesma. O sexo é toda a vida humana enraizada na paixão, na carne. Essa toda vida humana está em jogo sempre.